



Consciência moral, Moral nobre e Vontade de poder: Bases para uma abordagem fenomenológica

Ricardo Pedroza Vieira¹

Resumo: Desde a publicação, em 1962, de *Nietzsche et la Philosophie*, de Deleuze, difundiu-se amplamente uma linha de interpretação do tema da consciência moral no pensamento de Nietzsche em que o conceito de má consciência é preeminente e encontra-se no centro de questões éticas e ontológicas. Todavia, nas últimas três décadas, trabalhos de autores como Ridley e Allison, entre outros, têm sugerido uma leitura do conceito que relativiza o papel da má consciência à luz de textos que sugerem a possibilidade de um modo de consciência moral distinto, característico da moral nobre e vinculado ao conceito de vontade de poder em seus aspectos mais positivos e criativos. Nesta linha, autores como Babich e Visser esboçaram o projeto de uma abordagem fenomenológica da conexão entre consciência moral e vontade de poder. O presente trabalho procura desenvolver essa perspectiva, propondo que se considere a consciência moral em sua multiplicidade como uma experiência de importância decisiva para a construção do conceito de vontade de poder. Pretende-se proporcionar uma apresentação das bases dessa linha de interpretação do tema, contextualizando brevemente sua posição em relação à história da recepção de Nietzsche e discutindo algumas referências fundamentais para ela, especialmente *Gaia Ciência* 270 e *Genealogia da Moral*, II, 2-3.

Palavras-chave: Consciência Moral. Fenomenologia. Moral Nobre. Nietzsche. Vontade de Poder.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, correspondente à comunicação homônima apresentada no IV Seminário Internacional “Nietzsche nos Pampas” de 2024, tem por objetivo apresentar uma abordagem fenomenológica do conceito de consciência moral (*Gewissen*) no pensamento de Nietzsche, situando-a brevemente frente ao modo como a tradição de recepção da filosofia de Nietzsche pensou este conceito e comentando alguns textos de Nietzsche que serviriam de base para sustentar nossa abordagem.

Para introduzir o tema, convém partir de um esclarecimento terminológico. “Consciência moral” é a tradução em português para o alemão *Gewissen*, ao qual corresponde, em inglês, o termo *conscience*. Não se deve confundir estes termos com o alemão *Bewusstsein*, ao qual corresponderia, em inglês, *consciousness*, e, em português, “consciência”. A consciência é o objeto epistemológico por excelência da filosofia moderna, desde Descartes;

¹ Doutor em Filosofia pela UFRJ. Professor do Colégio Pedro II (CPII). Contato: ricardopvieira@gmail.com

o termo é aproximadamente sinônimo de mente ou intelecto. A consciência moral, por sua vez, é um outro fenômeno, não necessariamente consciente. As relações entre consciência moral e consciência são um problema à parte, que se seguirá às tentativas de definir e caracterizar ambos os conceitos. A atenção a esse cuidado terminológico é especialmente necessária, caso se considere que derivam do termo “consciência moral” outros termos compostos, como “má consciência”, “peso na consciência”, “consciência culpada”, etc, nos quais o risco de ambiguidade é maior.

1. HISTÓRICO DE RECEPÇÃO DO TEMA

A seguir, podemos considerar alguns dos marcos da recepção do tema da consciência moral no pensamento de Nietzsche. Jaspers (2015), em um estudo pioneiro publicado originalmente em 1936, opõe a má consciência à inocência da moral nobre, associada à vontade de poder em sua forma mais ativa e criativa. Essa oposição, sob diferentes formas e nuances, se verificará com frequência nos estudos posteriores de outros autores. Kaufmann (1974), por exemplo, aponta a má consciência como um estágio do desenvolvimento psíquico necessário à meta ulterior de sublimação e controle dos instintos. Nesse sentido, a formação de uma moralidade nobre e uma vontade de poder criativa seria resultado de um desenvolvimento, do qual a má consciência seria um dos estágios. Em todo caso, permanece uma certa separação entre a consciência moral, de um lado, e a moral nobre, de outro, como fenômenos distintos.

O trabalho pioneiro de Deleuze (2001), publicado originalmente em 1962, radicalizou a análise da má consciência e sua associação às ideias de reatividade e ressentimento: “Separada daquilo que pode, a força ativa não se evapora. Ao virar-se contra si, produz dor. Não já o fruir de si (...). Multiplicação da dor por interiorização da força, por introjeção da força, é esta a primeira definição de má consciência” (p. 193). Nesses termos, acentua-se a oposição entre consciência moral e os aspectos afirmativos da vontade de poder. O conceito de consciência moral parece reduzir-se à má consciência e à reatividade. As formas criativas de existência seriam não-morais ou pós-morais. Essa posição reivindica ser coerente com a crítica tardia de Nietzsche à moral em geral.

É somente por volta do final do século XX que começam a surgir re-interpretações do tema da consciência moral em Nietzsche, segundo as quais esse conceito poderia ter uma abrangência maior, que incluiria a má consciência, mas também outras formas de consciência moral, das quais ao menos uma poderia corresponder à moral nobre e formas afirmativas de vontade de poder. Um marco nesse desenvolvimento é a definição de Ridley:

Consciência moral, em linguagem vulgar, é um modo de relação consigo mesmo: alguém reflete sobre si mesmo (agi bem? agi mal?) desde um ponto de vista de uma potencial ação sobre si mesmo (para reforço ou reforma da conduta). Ter consciência moral, portanto, boa ou má, não é meramente ser consciente ou autoconsciente: é ter a capacidade de tornar-se objeto da própria consciência e um poten-

cial correspondente de tornar-se objeto da própria vontade. Abordar a consciência moral, então, é abordar um lugar crucial de contato entre uma capacidade distintamente humana (consciência reflexiva) e uma possibilidade distintamente humana (auto-transformação): a consciência moral é, portanto, e no mesmo sentido corriqueiro, o lugar onde os valores humanos são forjados e testados. (1998, p. 15-16)²

A consciência moral é definida agora de maneira ampla: trata-se de uma capacidade de modificar a si mesmo a partir de algum processo reflexivo. Também a moral nobre depende dessa capacidade³. A principal referência para sustentar essa definição, que analisaremos mais adiante, é a *Genealogia da Moral*, II, 2-3. Concorde-se com essa definição em particular ou não, abre-se doravante uma discussão sobre a possibilidade de um sentido mais amplo da consciência moral, irreduzível à má consciência.

No campo do pensamento fenomenológico, a abordagem deste tema segundo esta perspectiva também é recente. Heidegger (2006; 2007) não aborda diretamente a consciência moral em seus principais textos sobre o pensamento de Nietzsche. É somente em contribuições das últimas décadas, como de Babich⁴, que encontramos um olhar fenomenológico sobre a consciência moral:

O convite para tornar-se quem se é é um encômio, louvando não o potencial humano de alguém ou seu potencial de vir a ser, mas aquilo que já é realização consumada, mensurável (se não mesmo ‘consciente’). Assim, é a consciência moral de cada um que diz: ‘torna-te quem tu és!’. Enquanto encômio, o imperativo de Nietzsche é um retorno: ele não age sobre o futuro, mas sobre o passado. Cada um é chamado a voltar-se sobre si por meio de um retorno ou reconhecimento em consonância com o que Nietzsche chama de eterno retorno da reflexão ou amor fati. (2003, p. 40)⁵

2 Tradução livre do original: “Conscience, in ordinary speech, is a mode of self relation: one reflects upon oneself (have I done well? badly?) with a view, potentially, to acting on oneself (for reinforcement or reform). To have a conscience, then, good or bad, is to be not merely conscious but self-conscious: it is to have the capacity to make oneself the object of one’s own consciousness and a corresponding potential to make oneself the object of one’s own will. To focus on conscience, then, is to focus on a crucial site of contact between a distinctive human capacity (reflexive consciousness) and a distinctive human possibility (self-transformation): conscience is therefore, and in the same ordinary sense, the site on which human values are forged and tested.”

3 Também é referência relevante para essa mudança de perspectiva: ALLISON, 2001. Uma das expressões mais recentes dela é: GUAY, 2022.

4 Também merece destaque: VISSER, 2004.

5 Tradução livre do original: “The invitation to become what one is is an encomium, praising not one’s human potential or possibility for being but what is already a consummate, measured achievement (if not for that a “conscious” one). Thus it is one’s conscience that says: “Become the one you are!” As an encomium, Nietzsche’s imperative is a return: it does not act upon or for the future but the past. One is called to come to one self by way of a return or a recognition consonant with what Nietzsche calls the eternal return of reflection or amor fati.”

Babich parte da relação, traçada em *Gaia Ciência*, 270, (que analisaremos mais adiante), entre a consciência moral e o famoso verso de 72 da segunda ode Pítica de Píndaro, que pode ser vertido como “*werde, der du bist*”, “torna-te quem tu és”. Essa frase, que aparece no *Assim Falou Zaratustra* (IV, “A Oferta do Mel” / “*Das Hönig Opfer*”) e é parafraseada no subtítulo de *Ecce Homo*, poderia ser lida como uma expressão da consciência moral nobre, ligada à vontade de poder afirmativa. Também a noção de eterno retorno poderia adquirir um sentido ético sob essa luz: seríamos convidados ao desafio de nos tornarmos capazes de afirmar a vida como ela é, com todos os seus elementos negativos intrínsecos.

2. UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA DA CONSCIÊNCIA MORAL NO PENSAMENTO DE NIETZSCHE

A perspectiva que adotamos para abordar o tema parte de uma afinidade com a abordagem fenomenológica, e teve suas bases estabelecidas em pesquisa anteriormente publicada (VIEIRA, 2019). Analisaremos aqui, resumidamente, alguns dos principais textos de Nietzsche que servem de referência ao desafio de pensar o conceito de consciência moral em sentido amplo e irredutível à má consciência. Temos por meta apenas proporcionar apenas uma contextualização introdutória ao problema.

O primeiro texto a destacar é o já mencionado trecho da *Genealogia da Moral*:

O orgulhoso conhecimento [*Wissen*] do privilégio extraordinário da responsabilidade, a consciência [*Bewusstsein*] dessa rara liberdade, desse poder sobre si mesmo e o destino, desceu nele até sua mais íntima profundidade e tornou-se instinto [*Instinkt*], instinto dominante - como chamará ele a esse instinto dominante, supondo que necessite de uma palavra para ele? Mas não há dúvida: este homem soberano o chama de sua consciência moral [*Gewissen*]... Sua consciência moral?... Já se percebe que o conceito de “consciência moral”, com que deparamos aqui em sua manifestação mais alta, quase desconcertante, tem uma longa história e variedade de formas atrás de si. (*Genealogia da Moral*, II, 2-3.)⁶.

Salta logo aos olhos a afirmação explícita da existência de uma “variedade de formas” da consciência moral. Caso não se opte por relativizar essa afirmação, entendendo-a como mera constatação de usos equívocos do termo, é forçoso reconhecer que ela sugere que pertence ao fenômeno da consciência moral, por um lado, uma multiplicidade, mas, por outro lado, algum sentido de unidade. Por outro lado, o que o texto destaca é uma destas formas em particular - “desconcertante”, justamente para quem a considerar desde um ponto de vista mais acostumado à consideração da má consciência! Trata-se da consciência moral do humano soberano [*souveraine Mensch*], caracterizada por um conhecimento [*Wissen*] da

6 Salvo indicação em contrário, utilizamos a tradução em língua portuguesa indicada na bibliografia, cotejada com a edição da obra completa no original alemão também lá indicada.

responsabilidade [*Verantwortlichkeit*], uma apreensão consciente [*Bewusstsein*] da própria liberdade, que se transforma em instinto [*Instinkt*]. Dá-se uma transformação ética, que parte de uma evidência consciente, mas resulta em um instinto que, enquanto tal, é, ao menos parcialmente, inconsciente. Observe-se que é somente ao elemento instintivo resultante desta transformação que Nietzsche nomeia propriamente como consciência moral. O estágio anterior do processo é apenas preparatório, embora decisivo: trata-se da conquista de uma compreensão peculiar a respeito de responsabilidade e liberdade. Isso situa a chave para a interpretação desta forma de consciência moral em uma investigação ulterior sobre a experiência da liberdade.

Outro texto fundamental para nosso tema é o também já mencionado aforismo 270 da *Gaia Ciência*: “O que diz tua consciência moral? - Tu deves vir a ser o que tu és” (*Gaia Ciência*, 270). O aforismo surge aparentemente removido de qualquer contexto. Cabe ao leitor reconstruir, pelos ecos das intertextualidades implícitas, um arcabouço de referenciais para interpretá-lo. O primeiro referencial é o já mencionado verso 72 da segunda ode Pítica de Píndaro, que no original lê-se: Ἔνοι’ οἶος ἐσσι μαθών. Recentemente, publicamos (VIEIRA; ONELLEY, 2024) um estudo sobre o original grego do poema, com especial ênfase ao verso 72. É possível interpretar que a intencionalidade do poema de Píndaro consiste em uma pedagogia da *kháris* (χάρις), a gratidão, traço fundamental do caráter nobre. No contexto original, o verso 72 é um delicado alerta para que se evite ceder aos apelos de bajuladores que incitam à *hybris*, à arrogância, desviando-se do hábito da gratidão e da generosidade. As formas verbais utilizadas compõem um jogo entre aspectos verbais - incoativo, durativo e habitual -, que sugerem uma temporalidade extraordinária inerente à escuta de seu conselho: tornar-se quem se é significa recomeçar a cada vez o mesmo hábito, sustentando ativamente a duração de um modo de ser. O conselho só é compreensível para quem já conheça previamente a experiência da *kháris*. Ela precisa ser sempre pressuposta como o que já se deu e é preciso apenas recuperar, preservar. Deste ponto de vista, a apropriação que Nietzsche faz do verso pode ser lida como convite ou apelo à atenção concentrada a certas experiências decisivas, dotadas do poder de orientar a existência humana. A necessidade inconsciente de prestar essa atenção provém do fato de que as experiências que a reivindicam são, em si mesmas, forças que atraem o olhar, que brilham e fascinam com seu poder de iluminação. É uma questão à parte considerar que essa necessidade se expresse, no aforismo, com uma palavra decisiva e carregada de ecos: tu deves [*du sollst*]. Trata-se de uma experiência ética, peculiar, de dever.

Outro texto, este pouco conhecido, que pode nos auxiliar enormemente a pensar nosso tema é encontrado dentre os fragmentos póstumos: “Consciência moral é o sentir no interior do qual a *hierarquia* de nossos impulsos nos vem à consciência” (*Fragmentos Póstumos*, 1883, 15 [51])⁷. Temos aqui uma definição geral de consciência moral. A definição situa o fenômeno a partir de três dimensões cognitivas: o sentir [*Gefühl*], o impulso [*Trieb*] e a consciência [*Bewusstsein*]. O uso de um verbo de movimento, “vem” [*kommt*], sugere que o sentir associado à consciência moral é pré-consciente ou inconsciente: dele se origina uma certa

7 Tradução nossa.

consciência a respeito de algo, logo, ele antecede a formação dessa consciência em algum grau. Aquilo que vem à consciência é a hierarquia de nossos próprios impulsos. Isso significa que a consciência moral torna possível compreender os próprios impulsos em suas relações de força mais próprias, de tal maneira que um, mais forte, organiza os demais. A clareza a respeito desta organização corresponde a uma clareza de decisão. Saber a hierarquia dos próprios impulsos é saber o que é prioritário, o que é decisivo, o que reivindica em maior ou menor grau o agir. A experiência da decisão, entendida como clareza a respeito do decisivo, é entendida por Nietzsche como uma experiência de liberdade. Podemos associá-la ao que Nietzsche nomeia o afeto do comando [*Affekt des Commandos*], tal como aparece em *Além do Bem e do Mal*, 19. Ver emergir da obscuridade do afeto a clareza de uma decisão: isso é o sentido mais próprio de consciência moral. Aparentemente, precisamente o contrário do que fora identificado na supracitada *Genealogia da Moral*, em que uma experiência consciente de liberdade se tornava instinto! A não ser que consideremos que a relação entre instinto e consciência é, aqui, circular e cíclica. Um movimento de reiterados recomeços, que perdura como reconquista sempre renovada de um hábito que se retroalimenta.

Como é possível que uma tal compreensão da consciência moral tenha qualquer coisa a ver com a má consciência? Não será mesmo um sentido completamente equívoco aquele que o termo *Gewissen* adquire neste composto, *Schlechtes Gewissen*, *bad conscience*, má consciência? Um texto sugere a conexão que até aqui nos parece faltar:

Medida e equilíbrio - De duas coisas bastante elevadas - medida e equilíbrio - é melhor não falar jamais. Uns poucos lhes conhecem as forças e indícios, pelas misteriosas trilhas de vivências e conversões interiores: nelas adoram algo divino e receiam falar em voz alta. Os demais quase não escutam quando se fala delas, e julgam tratar-se de tédio e mediocridade: talvez excetuando os que um dia escutaram um som admonitório vindo daquele reino, mas taparam os ouvidos para ele. A recordação disso os torna aborrecidos e agitados.. (*Humano Demasiado Humano II: Opiniões e Sentenças*, 230)

O título enuncia: *Maas und Mitte*. De um lado, medida - em grego, *métron*, termo caro a Píndaro e aos poetas arcaicos em geral. De outro lado, *Mitte*, o meio, o centro, isto é, um tipo de meio-termo, de justa medida, de ponto de equilíbrio. O texto se refere a diferentes modos possíveis de compreensão a respeito de viver com medida, regra, equilíbrio, contenção. O tema é tão delicado e propenso a mal entendidos que talvez fosse melhor nem abordá-lo! A compreensão mais própria é aquela pautada por “misteriosas trilhas de vivências e conversões interiores” [*Mysterien-Pfaden innerer Erlebnisse und Umkehrungen*]. Neste caso, medida e equilíbrio provêm de experiências próprias de transformação que não são precisamente comunicáveis porque são singulares, irreduzíveis à generalização da linguagem. Tais experiências reivindicam um falar em voz baixa, para não conspurcá-las com mal-entendidos desnecessários, vulgarizações ou olhares intrusivos alheios. Nelas, há um elemento que se nomeia: o divino [*etwas Göttliches*], o que reivindica reverência, atenção e cuidado.

Um segundo ponto de vista é daqueles que quase não escutam [*hören kaum zu*], quase não prestam atenção às experiências mais próprias de medida e equilíbrio. Fica implícito que o ponto de vista anterior era aquele da escuta ativa e atenta. Por causa de uma falta de escuta, medida e equilíbrio já não parecem coisa própria, mas alheia, imposta de fora, arbitrária. Ser tolhido por regras nas quais não se vê nenhum sentido autêntico: isso soa como tédio e mediocridade.

Um terceiro ponto de vista, por fim, nem escuta nem não escuta, nem se empenha ativamente por escutar, nem se entrega à inércia passiva. Trata-se agora de negar ativamente a escuta: tapar os ouvidos [*gegen ihn sich die Ohren verstopft haben*], golpeá-los, revoltar-se contra o ouvir. O convite à escuta, então, torna aborrecido e agitado [*böse und aufgebracht*], envilecido, indignado contra a própria realidade em seu vir a ser e aparecer tal como é. Sugerimos (VIEIRA, 2019) que os três modos de escuta indicados nesse texto correspondem a três modos essenciais de consciência moral, que se relacionam, por sua vez, às três figuras éticas centrais da *Genealogia da Moral*: nobre, escravo e sacerdote.

CONCLUSÃO

O presente artigo procurou indicar os referenciais bibliográficos e teóricos necessários a uma contextualização introdutória do problema da consciência moral no pensamento de Nietzsche, acrescentando sugestões interpretativas que os organizam em uma perspectiva fenomenológica, preocupada em fundamentar a reflexão nietzscheana em tentativas de descrever experiências de sentido. Não obstante, o tema é campo aberto para novas investigações e desenvolvimentos.

REFERÊNCIAS

ALLISON, D. *Reading the New Nietzsche: the Birth of Tragedy, the Gay Science, Thus Spoke Zarathustra and On the Genealogy of Morals*. Plymouth: Rowman & Littlefield Publishers Inc, 2001.

BABICH, B. *Nietzsche's Imperative as a Friend's Encomium: On Becoming the One You Are, Ethics, and Blessing* In: *Nietzsche-Studien* Berlin/Boston: Walter de Gruyter, n.33, 2003, pp. 29-58.

DELEUZE, G. *Nietzsche e a Filosofia* Trad. Antônimo Magalhães. Porto: Rés-Editora, 2001.

GUAY, R. *Nietzsche's On the Genealogy of Morality - A Critical Introduction and Guide*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2022.

HEIDEGGER, M. *Nietzsche, vol. I e II* Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

HEIDEGGER, M. *Quem é o Zarathustra de Nietzsche?* Trad. Gilvan Fogel. In: *Ensaio e Conferências* Petrópolis: Vozes, 2006.

JASPERS, K. *Introdução à filosofia de Friedrich Nietzsche* Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

KAUFMANN, W. *Nietzsche: Philosopher, Psychologist, Antichrist* Princeton: Princeton University Press, 1974.

NIETZSCHE, F. *Digital critical edition of the complete works and letters*, based on the critical text by G. Colli and M. Montinari, Berlin/New York, de Gruyter 1967-, edited by Paolo D'Iorio.

NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, F. *Opiniões e sentenças diversas e O andarilho e sua sombra*. In: Humano, demasiado humano, vol. II. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RIDLEY, Aaron. Nietzsche's conscience: six character studies from the Genealogy. New York: Cornell University Press, 1998.

VIEIRA, R. *O conceito de consciência moral como chave de uma interpretação fenomenológica da vontade de potência*. Cadernos Nietzsche, v. 40, p. 193-219, 2019.

VIEIRA, R.; ONELLEY, G. ἔνουν οἶος ἐσσι μαθών na Pítica 2 de Píndaro: uma proposta de tradução e análise. CALÍOPE - PRESENÇA CLÁSSICA, v. 2023.1, p. 4-35, 2024.

VISSER, G. "Du sollst der Werden, der du bist". Nietzsche gelezen in het licht van Zijn en Tijd. In: *Tijdschrift voor Filosofie*, Vol. 66, n. 3, 2004, pp. 499-527.

Artigo recebido em 30.09.2024 e aprovado em 31.10.2024

Ricardo Pedroza Vieira é Professor de Filosofia do Colégio Pedro II (CPII). Doutor, mestre, licenciado e bacharel em Filosofia pela UFRJ. Bacharel em Letras (Língua e Literatura Grega) pela UFF. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4290-7407>. E-mail: ricardopvieira@gmail.com.

Endereço: Colégio Pedro II, campus Engenho Novo II, R. Barão do Bom Retiro, 726 - Engenho Novo, Rio de Janeiro - RJ, 20715-003

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Prof. Dr. João Paulo Vilas Bôas / Prof. Dr. Adilson Feiler